

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

UMMARIO: Aos leitores.—O testamento do Sr. de uvelin.—Briaréos e pigmeus.—Bellas-arts; os quados Sr. Resende.—Amor e fatalidade.—Ultima pá-de um suicida.—Revista de theatros.—POETAS.— nome.—Recordações.—

AOS LEITORES.

a tres meses que appellamos para a coaducação do nosso publico quando tivemos de ar esta revista. Não foi baldado esse illo: o publico, benevolo, prestou o seu á nossa tentativa litteraria, comprehen- que o *Espeleho* não era um ramo de es- ação, mas sim preenchimento de uma ia já bem sensivel, sendo como é a unica ta que offerece hoje aos seus leitores com pouco dispendio uma leitura moral e activa.

extensão e preponderancia deste apoio pôde ser aquillatado pelo numero sempre ente de assignantes que até agora consis. Porém isso ainda não basta: vamos seguir na nossa empreza, e para que não alheiamos de certo nos não será suficiente a vontade com que trabalhamos, sicessar protecção que nos alimenta, vigora e fonda o trabalho.

As emprezas litterarias neste paiz infantil ordinariamente de pouca duração: ainda está bem definido o gosto pela leitura, e isso tanto mais nos lisongeamos de haver sido um dos poucos que tem merecido acolhimento.

identemente pensando, temendo mesmo sferentismo em que se dizia o paiz para ptos litterarios, esmorecemos á princi-

pio em face de alguns sacrificios que se nos antolhavão. Depois, á proporção que viamos a confiança que em nós depositava o publico, somo-nos reanimando, creando forças e divisando no porvir uma senda mais vasta a percorrer.

Esta revista não tem satisfatoriamente preenchido um dos fins da sua missão. Na parte concernente á modas, nesta parte tão importante para o nosso bello sexo, tem ella sido um pouco omissa. Essa falta foi devida á prudencia dos nossos calculos: preferimos medir antes o terreno em que pisavamos ao andar precipitado e leviano que conduz ao nada. Tivemos medo de causar e parar em meio caminho.

Hoje que a esperança já não é para nós unicamente um sonho de futuro, porque se vai convertendo em realidade, podemos de nossa parte mais alguma cosa prometer tambem aos nossos assignantes.

Pelo paquete que partio d'aqui para Europa no corrente mez estabelecemos uma correspondencia regular para Paris, com o fim de mensalmente remetter aos nossos assignantes uma completa collecção de figurinos dos ultimos que alli se publicuem.

E' provavel que no começo do proximo futuro anno recebamos a primeira ie nessa mensal.

Além deste melhoramento, que sem duvida fará multiplicar o numero das assignaturas, provindo d'ahi maiores vantagens para o *Espeleho*, vantagens de que lucrarão ainda os seus assignantes, continuaremos a envidar todos os nossos esforços para a boa redacção da folha.

Os nossos leitores conhecem nem duvida

uma das boas pessas que desta redacção já faz parte, o Sr. Machado de Assis; além deste Sr. tomará também parte d'ora em diante na redacção do *Espeleho* o Sr. L. J. da Silva Rebello, cujas bellissimas poesias mais de uma vez terão apreciado.

Filhando o trimestre desta revista com o numero de hoje julgamos que devíamos agradecer ao publico a coadjuvação que nos tem prestado, fazendo de nossa parte por continuar a merecer-a.

Pedimos também a aquelles senhores que não quizerem continuar com as suas assinaturas o obsequio de declararem a esta redacção, ficando considerados ainda como tales os que assim não fizerem.

O TESTAMENTO.

DO SENHOR DE CHAUVELIN.

V.

O LEVANTAR DO REI.

(Continuado do n. 12.)

O duque de Ayen, um dos homens mais espírituosos dessa época altamente espirituosa, comprehendeu o mau humor crescente do rei, e receando mais alguma cousa, deu dois passos, e caminhou para elle. Não era possível deixar de ser visto, com os bordados largos e brilhantes que lhe rutilavão na vestia, nas ligas e na casaca; o monarca o viu com effeito.

— Por minha fé! duque de Ayen, exclamou o rei, vindes resplandecente como um sol. Roubastes um coche? Pensai que não havia mais sirigueiros, depois do casamento do conde de Provença, por occasião do qual nenhum cortezão lhes pagou, e onde não apareceram nenhum príncipe, por falta de credito ou de dinheiro, sem duvida.

— Ficarão bem arruinados, senhor.

— Quem; os príncipes, os sirigueiros ou os cortezões?

— Todos esses o seu beccado, penso eu. Mas os sirigueiros não hão de perder na causa habets como são.

— Como?

— Com esta nova invenção:

— E mostrou os bordados.

— Não comprehendo.

— Senhor, estes bordados chamão-se á chanceller.

— Cada vez entendo menos.

— Haveria um meio de fazer comprehender a V. M. este enigma; era citar os versos que os parisienses fizerão, mas não ouço.

— Não ousaes, duque, disse o rei sorrindo.

— Por minha fé! não, senhor, espero as ordens do rei.

— Pois tem a minha ordem.

— Lembre-se ao menos o rei que eu apenas obdeço. Eis os versos:

Este novo galão inventado
E que tanto costuma brilhar;
Chanceller tem por nome entre o povo
Por que é falso e não sabe corar.

Os cortezões pasmados de tanta audacia olharão uns para os outros, e voltarão-se ao mesmo tempo para Luiz XV, afim de medarem as phisionomias p'la do rei. O chanceller Manpeon sustentado então pela favorita era u.a personagem muito alta para que censurassem ouvir os epigrammas que incessantemente lhe fazião.

O monarca sorriu e todos os labios sorrião tambem; e como o rei nada respondera ninguem ousou dizer palavra.

Luiz XV tinha uma estranha disposição. Temia horrivelmente a morte, e não consentia que lhe fallassem na delle. Mas, por d'á cá aquella palha, elle sentia uma especie de prazer em chacotear com o fraco que tem quasi todos os homens em occultar idade, velhice ou enfermidade.

Dizia muitas vezes a um cortezão:

— Já estaeis velho e que figura tendes! estaeis as portas da morte.

A philosophia se revelava aqui e nesse mesmo dia, em que duas vezes cruelmente o havião ferido, expoz-se a receber um novo

Para reactar a conversação interrompida com o duque de Ayen disse-lhe bruscamente.

— Como vai o cavalheiro M. Noailles, será verdade que elle está doente?

— Senhor, tivemos a desgraça de o perder: morreu hontem.

— Ah! bem lh'o tinha eu dito.

Depois olhando para o circulo descorde-

os, augmentado com pequenas entradas, arrou no abbade de Broglie, homem aspero, e disse-lhe estas palavras.

— E' a vossa vez, abbade.

Tendes exactamente dois dias menos que elle.

— Senhor, replicou o abbade Broglie, anco de colera, V. M. esteve hontem a car, veio um temporal e o rei ficou mordido como os outros.

E rompendo os grupos sahio furioso. O rei io-o sahir com um olhar triste, e acrescentou:

— E sempre assim, aquelle abbade de Broglie; zanga-se sempre.

Depois vendo á porta o seu medico Bonnard acompanhado de Bordeu protegido por Mme. Du Barry, que aspirava a substituir-o, hamou-os ambos.

— Vinde, senhores, esta manhã só se alla na morte; por aqui é esse o vosso asunto. Qual de vós será capaz de me mostrar a fonte de Jouvence? Fóra isso uma bella maravilha, e para o descobridor uma fortuna segura. Serieis vós, Bordeu? Por que este Esculapio ao pé de Venus comprehendo que não tenha cogitado nessas cousas.

— Peço perdão ao rei, mas eu tenho um sistema que nos deve remontar ao bom tempo da historia.

— Da fabula, interrompeu Bonnard com ar de enfiado.

— Pensa isso, proseguiu o rei, pensa isso meu pobre Bonnard? O facto é que debaixo da vossa direcção a minha mocidade não passa de uma fabula amarga, que aquelle que me remoçasse agora seria ao mesmo tempo historiographo da França; por quanto houvera traçado as mais bellas paginas do meu reinado. Mãoz á obra.

Bordeu é um cura digno de uma grande reputação. Entretanto apalpai o pulso do Sr. de Chauvelin que ahi está palido e triste. Dai-me a vossa opinião sobre essa saude tão preciosa aos nossos prazeres. . . . e ao meu coração, acrescentou elle muito depressa.

Chauvelin sorrio-se amargamente a presentando o braço ao medico.

— Qual dos dois, Senhores?

— A ambos, redarguiu Luiz XV. rindo, mas não a Lamartiniere: é capaz de vos prender uma apoplexia como fez comigo.

— Então é convosco Senhor Bonnard: o passado antes do futuro. Que lhe pareço?

— O Senhor marquez está muito doente; tem tumidas de mais as fibras do cerebro: fora bom que se sangrasse quanto antes.

— E vós, Senhor Bordeu?

— Peço perdão ao meu sabio collega mas não sou do seu mesmo parecer. O senhor marquez tem o pulso nervoso. Se eu fallasse de alguma bella dama, diria que ella tinha vapores. E-lhe preciso prazer, repouso, nada de amofinações, nem de negocios, satisfação completa; em fin tudo o que ao pé do augusta monarcha de quem elle tem a honra de ser amigo. Prescrevo a continuaçao do mesmo regimem.

— São duas consultas admiraveis; bem iluminado deve estar o Senhor de Chauvelin. Meu pobre marquez, se chegardes a morrer Bordeu fica um homem deshonrado.

— Não, senhor, os vapores matão quando não são tratados.

— Senhor, se eu morrer, respondeu o senhor de Chauvelin, peço a Deus que isso aconteça aos vossos pés.

— Pois não! que medo me farias tu! Mas não são isto horas da missa?

Parece que já aqui estão o Sr. Bispo de Senez e o Sr. Cura de S. Luiz, nosso parocho. Desta vez espero que me contentem. Bem dia Sr. Cura, como vão as vossas ovelhas? Ha muitos doentes, muitos pobres?

— E' verdade, Senhor, ha muitos.

— Mas não abundão esmolas? encareceu o pão? aumentou o numero de infelizes?

— E' verdade, Senhor.

— Como? donde vem elles?

— Senhor, é que até os vossos criados me pedem esmola?

— Acredito, não lhes pagão. E não se poderá pôr essas cousas em ordem? Que diabo! e não estás de anno como gentilhomem de cama?

— Senhor, os criados não estão na minha alcada de repartição do mordomo-mór.

— E a mordomia os mandará por outro. Pobre gente! disse o rei commovido um instante; mas em fin eu não posso fazer tudo. Ven comnosco a missa, Senhor Bispo? acrescentou elle voltando-se para o abbade de Beauvais bispo da Senez que pregava na quaresma perante a corte.

— Estou as vossas ordens, Senhor, respon-

deu o bispo inclinando-se, mas eu ouço aqui palavras bem graves. Falla-se da morte e ninguém pensa n'ella; ninguém cuida que ella chega a hora marcada, quando menos a esperão, e nos surprehende entre prazeres ceifando grandes a pequenos com a foice inexorável. Ninguem se lembra que ha uma idade em que, o arrependimento e a penitencia são uma necessidade e um dever, em que os fogos da conciencia devem apagar-se diante da grande idéa de salvação.

— Richelieu, interrompeu o rei sorrindo-se parece-me que o Senhor bispo deita pedras ao vosso jardim.

— Sim Senhor e deita-as com tanta força que algumas vem bater no parque de Versailles.

— Ah! bem respondido, Senhor duque; respondeis ainda como nos vintes annos. Senhor Liso, foi bem começado este discurso havemos de o acabar domingo na capella; prometto que o heide ouvir. Chauvelin para agravos tendes dispensa de nos acompanhar; ide esperar-nos em casa da condeça acrescentou elle baixinho. Ella acaba de receber o famoso espelho de ouro obra prima de Rotiers. E' preciso ver isso.

— Senhor, prefiro ir para Grosbois.

— Outra vez! estaes delirando, meu caro; ide para casa da condeça que vos hade curar dessa mania. Para a missa! para a missa, Senhores! este dia começa muito mal. Vejão o que é invelhecer.

(Continua.)

BRIAREOS E PIGMEOS

No horizonte social, os olhos estão acostumados a ver figuras agigantadas.

As formas exigüas perdem-se na massa escura, como constelações apagadas.

As primeiras figuras, são os Briareos, cabeças moldadas por um século; as formas exigüas, são os pigmeus, humanidade microscópica, vermes da sombra e do chão social que se alimentão nas seivas da árvore pública.

Definem-se sempre assim?

A's vezes... quasi sempre, não.

Essa diferença a historia as vê tarde ou cedo; mas os olhos contemporâneos se enganão muitas vezes.

Phenomeno visual! as formas dos vultos tomão as proporções liliputianas das figuras mais da terra; Demosthenes calça o botim e a casaca, e deixa a sua tunica ao mais exiguo deputado das cortes modernas.

E uma troca de destinos.

Assim, no horizonte social uma estrella se levanta, cresce, cresce, cresce ainda, e dentro em pouco é sol.

Como cresceu?

Segredo do passado, ovo da sombra que o futuro quebrará pela mão da historia.

Mas cresceu. Como um sol que é, ocupa uma realeza no infinito; está bem alto, não ha olhos que o não vejam, não ha cabeça que lhe não sinta os raios.

Mas levantai-vos, procurei ir até esse sol, em um impulso prometheano, e vereis... caso notável! o sol não se agiganta mais, minúcia; se lhe tocaes não é mais um globo de luz, é apenas uma nodoa luminosa.

Curvaes entretanto a fronte; arcedae os olhos dessa constelação, e olhae mais para baixo, lá onde o horizonte parece que se identifica com o mar.

O que vedes?

Uma luz, pouca cousa; um ponto lumínoso mesquinho e tremulo como a última esperança; é uma estrella ou uma perola; não se extrema; brinca na vaga como na derradeira linha horizontal.

Não é possível descer mais baixo.

Mas é tão pequena assim? É. Mal a vemos nós, tão pequena e tão longe está.

Correi entanto a ella, correi, correi mais, pedi azas a Icaro, e procurei ver mais de perto, aquelle ponto desmaiado.

Vem o reverso; a estrella cresce; e a proporção que vos approximaes d'ella é um sol que descobris: um mundo que se apresenta

É o manigludo parvi do poeta.

Como analysar este phenomeno?

Impossivel. Moralisemos ao menos o facto.

A historia é o futuro, e o futuro está longe com outros olhos. As vistas actuaes nem sempre são juizes severos: errão como tudo!

Errão. Applicão muitas vezes um prisma; escurem, em vez da luz, o iris; o iris, phenomeno de atmosphera, effeito de accão solar, inconsistente e impalpável como a sombra; mais nada.

É o futuro que estrema e separa estas cousas.

M.

BELLAS-ARTES

os painéis do Sr. Rezende.

Nous aurons l'œil sur les artistes, a fin que les citoyens reçoivent des impressions de tous les objets qui viendront frapper les sens, et que, dès leur enfance, tout les porte insensiblement à aimer la droiture, etc., etc.

Platão.

A arte moderna, conforme a tem entendido os mais celebres artistas, desde Giotto e Cimabue até Paulo de La Roche—não consiste unicamente na reprodução de certas práticas ou usos materiais do trabalho.

Para a criação das obras primas da arte é preciso que a ciência se reúna ao sentimento, que é a poesia do trabalho. — O ofício ou o mister não é senão o meio positivo pelo qual se revela o pensamento e a inspiração.

A teoria baseada na faculdade produtiva das artes — não eleva só o desenvolvimento plástico do trabalho que se engrandece nas regras da ciência, auxilia na revelação a marcha do espírito e da inteligência.

Se o sentimento das bellas artes, filho do espiritualismo da alma não existe fora do sentimento da harmonia, é necessário também um completo conhecimento das regras que guiam o talento na aplicação da arte.

O conhecimento prático do bello philosophico é o princípio liberal da pintura, assim como a perspectiva é a consequência da tecnologia da arte.

O bello ideal por meio das regras da composição em geral e da harmonia das partes de que se compõe o todo artístico que se representa — conduz o espírito à perfeição estética e manual, — que são — o complexo dos verdadeiros talentos.

A realização dos princípios da razão e da inteligência existe na relação imediata da obra com o bello, verdadeira manifestação da alma sobre o exercício da matéria.

A idéa absoluta que se encerra na essência da belleza artística é um desses misterios sagrados do espírito, que só ao

genio é dado penetrar e conhecer — E' que a belleza reúne em si mesma todos os predicados do bello — assim como a luz reúne em um só corpo as cores graduadas do prisma solar.

O estudo philosophico das harmonias da natureza guia ao conhecimento da belleza universal da arte. Assim, se, por exemplo, considerarmos o homem como a mais bela obra da criação, deve entender-se que a sua beleza deve pertencer tanto ao bello physico pela organização, como ao bello óptico pela proporção.

A idéa da belleza, embora geral, — é relativa ao objecto de que se trata.

Se assim não fosse como se justificaria a belleza do homem e da mulher, tão diferentes na sua constituição physica e igualmente tão perfeitos, — verdadeiros tipos da belleza material.

Na pintura, arte superior em que a poesia e o bello se unem e se confundem em uma só entidade — demonstra-se os objectos sobre os princípios da cor e do contorno, variados pela posição em que estiverem, e pelo efeito da luz sobre o corpo que a recebe.

Ha, porém, o estylo, a particularidade característica do artista que não se define senão pela organização — dos órgãos da vista e do sentimento, pelos quais a alma se revela.

A suavidade do colorido de uns, o vigor das massas de luz e de escuro de outros provão que as almas, embora sintão o mesmo ideal, não podem demonstral-o senão subordinando-o às consequências do organismo material do artista.

Miguel Angelo e Raphael, Ticiano e Rubens, gladiadores do bello, gigantes da arte não se confundem nem se comparão.

Conhecedores da arte, sentindo em si o germen da belleza positiva e ideal, revelarão-as segundo a acção das faculdades do corpo, e não segundo a essencia do bello, que é uma, unica e absoluta.

Em um assumpto de varias figuras exige-se que uma seja dominante, unica por assim dizer, isto é, que a principal domine a peripécia que se retrata pela reunião da disposição característica, pela posição, pela suavidade do claro escuro, ou do efeito luminoso, pela propriedade e cor das vestimentas, pela graça e pela expressão.

Todas as outras personagens submettidas á primeira sugestão se gradualmente umas ás outras, segundo o papel que representão de maneira a fazer sobressair o carácter dominante da figura principal.

Estas insignificantes observações sugeridas pelos dous bellos quadros que, do Sr. Rezende, distinto pintor portuguez, se expõem na casa do Sr. Bernasconi, podem talvez servir para justificar os conhecimentos artísticos do illustre pintor.

O painel em que o saloio encostado ao seu bordão, olha á socapa para a moçoila que o escuta — embevecida n'alguma história de amores — é de um bello efeito, — cheio de verdade e natureza.

A applicação das leis da unidade representada pelo protagonista do assumpto não abrilibanta sómente a graciosidade da composição; mostra tambem a pericia do artista, como creador na concepção, como observador no carácter e na expressão, como professional no estylo e nos detalhes variados e numerosos.

O claro escuro e o colorido em geral, a conveniencia da concentração da luz — sem o esquecimento das meias tintas, que são — a melodia das harmonias da optica e da perspectiva, mostrão que o trabalho pratico da arte foi secundado pela reflexão e pelo estudo das regras.

Com tão bellas disposições, com tão pronunciada vocação e conhecimentos artísticos — bem facil seria ao Sr. Rezende a apresentação de um maior trabalho.

Quizera-nos vê-lo no desempenho de um painel de grande vulto e de mais vasta concepção, em que o seu talento, avassalando um mais vasto horizonte, realizasse em maiores proporções uma produção artística.

E' verdade que a pericia e a arte não se avalião pela extensão, nem o espirito se guarda em toneis, como o de Heidelberg.

Entretanto uma maior tela prestar-se-há a melhor ao desempenho magistral do traço e do colorido.

Quando se pôde pintar assim é bom não ser avarento nem egoista.

F. J. Bithencourt da Silva.

AMOR E FATALIDADE.

I.

O assassinato.

O amor é o maior tyranno das virtudes; os dictames da razão, na sua escola, são herezias, e os seus primeiros suspiros são do juizo os ultimos alentos.

Raphael Bluteau.

D. Rodrigo era um fidalgo da primeira nobresa. Contava os seus títulos pelos seus avós; de carácter altivo e orgulhoso, julgaria um delito o não respeitar-se o seu brasão d'armas; era soberbo como um nobre da primeira classe de Hespanha, que gosa do privilégio de cobrir-se em presença dos reis.

D. Rodrigo tinha 55 annos, era alto e magro, e tambem coxo como Frederico 2.º Tinha o rosto pallido, o olhar vivo, nariz asilado, pouca barba e cabellos corredios.

Amava tanto os pergaminhos dos seus títulos, a toga dos seus maiores, que para elle só erão nobres e grandes aquelles, que provinhão de uma genealogia de fidalgos; como se o trabalho, o estudo, e a virtude não podessem suprir, muitas vezes, e exceder mesmo os meritos e os nomes herdados!

A pesar do seu orgulho e soberba, era D. Rodrigo humano.

Indo a uma caçada, e encontrando um menino abandonado, mandou trasel-o para o seu palacio, e com toda caridade, o creou, e mandou-lhe ensinar as humanidades.

Esse menino que quando viera para o palacio de D. Rodrigo, teria 2 ou 3 annos, chamava-se Julio.

Julio agora é um moço de 25 annos. Manebo elegante e esbelto, de cabellos loiros, olhos azues, e nariz bem conformado, era amado por D. Rodrigo como se fôra filho d'esse fidalgo; e Julio mostrava-se digno da sympathia do seu bemfeitor; respeitava-o como seu pai, estimava-o como seu protector. Iis parece que uma má estrella guiava o destino d'esse moço. Quando creança fôra abandonado nos bosques, um braço protector o amparara, e vindo crear-se em um palacio, tinha de encontrar ainda alli desgraças e tormentos.

Julio começou a amar a Malvina filha de D. Rodrigo. Ao principio procurou desvanecer esse amor, que nascera intenso no seu coração; mas o amor quando é imenso não se abafa, não morre; e sem pensar, sem mesmo ter desejo, viu Julio que o seu amor crescia cada dia.

A sympathy é um segredo, que as almas mesmo não comprehendem.

Julio procurava matar o seu amor no barco, porque via, que Malvina, a jovem fidalga, não ousaria dar o seu coração a um pobre engatado, a um bastardo de Deos.

E D. Rodrigo?

Se soubera do amor de Julio, seria capaz de mandar degolar esse vilão insolente, que se atrevera á amar a sua filha, ou então ardendo em soberba e fúria, julgaria o pobre moço um doudo, ou um insensato, e o desterraria para um hospital.

Julio pensava nisto, e assim tremia pelo seu amor; mas o amor não fica no estreito recinto de um coração, caminha, se expande, e vai até o objecto amado.

Malvina comprehendeu logo o amor do sobre mancebo, e essa moça esquecendo o orgulho e aristocracia de seu pai, amou também a Julio.

Todas as manhãs encontrava flores na sua janela, e Malvina beijando essas flores as lançava ao seio, porque sabia, que eram enviadas pelo seu amante. Por ventura a princesa Margarida não amou também o desgraçado Alain Chartier; Riccio o trovador, não obteve amores de Maria Stuart?

O amor de Julio foi descoberto pelo tio Anastacio, que era o guarda-portão do palacio, e que madrugava cedo só para dar com a historia dos namoros do rapaz.

O tio Anastacio era um velho muito feio, cara redonda, e vermelha como lacre, olhos verdes, boca escancarada, beiços grosos, gambias finas, e pansudo como Luiz-o-Gordo.

Era um typo repugnante e caricato; parecia-se com esses bonecos informes, que as crianças os fazem mover com linhas e arames.

O tio Anastacio não tinha muita sympathy ao senhor Julio; por mais de uma vez o tinha atormentado a coragem e independencia do caracter desse moco.

— Se o Exm.º Sr. D. Rodrigo, dizia tio Anastacio tomado rapé, souber d'esse namorico, vai tudo pela agua abaixo. Como é que o coração do senhor Julio foi bater

pela minha amasinha! Um pobretão querer amar a uma princesa! É atrevimento, é oussadia. Ah! se o negocio vai aos ouvidos do Exm.º Sr. D. Rodrigo, o tal senhor Julio tem de ver-se com agua pela barba.

E o maldito cerbero foi tomar conta do seu posto. Julio certo que seu amor fôra comprehendido nela filha de D. Rodrigo, e não pensando mais em afastar de seu coração esse amor vehementemente forte, procurou desviar os obstaculos, que poderião tornar inutil e sem fructo essa sua paixão, tratou de livrar-se de D. Rodrigo.

O amor é máo conselheiro, enchendo o coração, alucina o cerebro, e faz de um sabio um doudo, de um santo um malvado.

Julio fez do seu amor seu ídolo, e esquecendo-se de tudo, pensou em matar o fidalgo, o pai de Malvina.

Essa idéa ao principio o horrorisou, depois o fez entrestecer.

Malvina notou a melancolia do seu amante, mas não ousava perguntar-lhe a causa; porem esse pesar, essa especie de perturbacão, que Julio começou a manifestar foi fazendo, cada dia, mais sensação á pobre moça, que procurou seguir, quanto podia, os passos do seu amante, pensando que alguma desgraça o perseguia, ou temendo talvez, que elle premeditasse alguma cousa.

A idéa má nos persegue como um phantasma; por fin o homem se acostuma com ella, e a adopta; Julio jurou matar a D. Rodrigo.

Penetrou na camara do fidalgo, que dormia recostado no seu coxim. O moço fechou os olhos, como que para não ver, o que hia praticar, tirou uma pistola do bolso, e apontou-a para o seu bemfeitor: quando ia consumar o crime, a mão de um anjo suspendeu-lhe o braço, Julio saltou por uma janela, que havia na camara, porem a pessoa que imprimira o movimento no seu braço, o fizera com tanta violencia, que a pistola disparou, e foi ferir o fidalgo.

D. Rodrigo despertando, banhado em sangue, encara a sua filha, e recua espavorido. Entrão os criados, e lançando-se a pobre moça, exclamão, cheios de admiração e de furor:

— A culpada está presa.

Malvina tremula, pallida, e compungida deixa cair a arma, cambaleia, estremece e quer correr, mas ve-se cercada de seus famulos.

D. Rodrigo, com dificuldade, diz do seu leito:

— Sera possivel, que minha filha me quizesse assassinar; querias matar teu pai, Malvina!

Malvina estremece, abre a boca, quer falar, mas não pode!

Coitada; estava muda.

(Continua.)

M. de AZKVEDO.

ULTIMA PÁGINA DE UM SUICIDA.

Meu Caro.

Rio, 22 de Maio de 1859.

Tu me perguntas porque uma nuvem de tristeza se projecta em meu semblante, como o reflexo de uma dor intima? Quero, dises tu, conhecer o mal que te emmurcharce as flores da existencia para combate-lo. Eu te agradeço, meu amigo; já não é tempo. Quando receberes esta, as flores cuja queda procuras obter serão desbotadas, sem perfumes juncando a louza d'um tumulo. O que vou revelar-te explicará assaz a mudança operada em meus habitos sedentarios. Não era, como por gracejo dizias em tuas cartas, o arrependimento de minhas faltas e de meus erros que conduzia-me ao retiro da penitencia. Conheces grande parte de minha vida. Vivemos na maior intimitade até 185..., anno em que cedendo ás instancias de minha familia parti para a Corte, á sim de continuar meus estudos na escola militar. Nos primeiros mezes que seguirão-se á esta separação, escrevemos-nos por todos os vapores; depois foi nossa correspondencia tornando-se mais vagarosa, e por fim deixou de existir. Por outro lado eu comecaava á lutar com serios embaraços, sinistras apprehensões que infelizmente realizavão-se. Impossibilitado de matricular-me por uma molestia grave, fui julgado mal por meu pai, que desgostou-se, e deixou-me entregue á meus proprios recursos. O que de feito sofri, tu sabes. Alguns annos depois vieste á corte fazer uma viagem de recreio. Quando encontrastes-me já eu não era o mesmo. Teu espanto foi grande, pois bem difficis forão as provações porque passei, bem tristes minhas desillusões, bem fundos os abyssos em que naufragarão minhas esperanças, para que eu conservasse ainda aquella pureza de sentimentos, aquella candidez d'alma que me conheceste outrora. Mais d'uma vez conservastes minha vida dissoluta e vagabunda. Nas tempes-

tades da vida agitão-se e revolvem-se as idéas, soffrem as crenças commoções profundas, memorias funestas que suggerem o desespero, assaltão-nos o espirito, e o homem vaga a mercê das tormentas, sem ousar sondar o seu destino: mas para a alma fortemente abalada não ha bonança como ha para o aceanio. Quando as dificuldades desaparecem, quando a vida toma uma calma apparente, as idéas permanecem em continuo estado de effervescentia, as crenças alluidas pela duvida nunca mais tomão consistencia, as paixões hybridas que as dores fundas acordão no peito só a morte as fará adormecer. É terrivel em meu peito foi o embate das paixões. Despresado injustamente por aquelles que mais amava, no centro d'uma grande populaçao onde não tinha um semblante conhecido, segregado de meus companheiros por minha pobreza extrema, eu combinei, depois de haver esgotado tudo que desespero tem de mais sombrio, tudo que a miseria tem de mais acerbo, os planos mais criminosos para continuuar á viver. Não houve baixeza diante da qual eu recuasse para obter o pão do dia seguinte. As vezes no meio de minhas atribuições, uma saudade pungente confrangia-me o coração quando nas horas do crepusculo invocava as lembranças do meu passado. Todas as scenas felizes da infancia delineavão-se vivamente na memoria, sucedendo-se sem ordem; depois desmaivão gradualmente, e perdiao-se por fim. Então eu fazia castellos, figurava-me com uma posição na sociedade, cercados de honras, de amigos, e de uma esposa virtuosa; procurava mentalmente os meios de realisa-los, e de subito levantava-se o medonho espetro do presente, derribava sarcasticamente todos os meus sonhos de felicidade; volvia os olhos em torno de mim, e nada mais via do que o futuro negrejando ao longe. Estas decepções quasi diárias embalarão-me o coração de fel. Se comparava minha situação com a dos outros, eu via homens degradados por naturesa, e não por necessidade como eu, surrindo á sociedade, que os aceitava porque elles tinham dinheiro; via felizes á homens que escarnecião da religião, que despresavão seus preceitos, e punhão em duvida a existencia do ente supremo. Isto revoltou-me ao principio, depois dei-lhes razão, porque para mim a virtude fôra um nome. Daqui este odio á sociedade, este frio descerer de Deus e dos homens, em summa esta quadra de vicios e torpesas em que a consciencia do descrito sancionava á priori todos os maos actos do libertino.

Comtudo nunca perdi o amor ao estudo. Apliquei-me as sciencias exactas, unicas cujas

verdades eu aceitava. Decorridos cinco annos obtive o grão de bacharel e um emprego lucrativo. Minha situação melhorou.

Nosso amigo P., que como sabes, possue uma linda chacara no Botafogo, dominando a enseada, instou commigo para que fosse morar com elle; fiz-lhe a vontade. Eu esperava que a posição que acabava de adquirir, e os laços de amizade que formava, apagasse-me a lembrança do passado, e mudassem-me as inclinações más: enganei-me: o copo e as Messalinas continuavão a ser para mim tudo que a vida tinha de real e positivo.

Um dia do mez de abril a tarde era bella, o azul dos céus reflectia-se na limpidez das aguas da enseada, levemente encrespadas pelas virações do mar, a atmosphera pura, o ar sereno, e os ultimos raios do sol poente doutravão o topo dos montes dos arredores. Vesti-me e sahi machinalmente sem saber para onde. Quando dei acordo de mim, estava no cemiterio de S. João Baptista.

Seguião-me alguns homens vestidos de luto que condusão um feretro. Lembras-te daquella passagem sentimental de Hoffmann, quando ao descer a eminencia que domina a cidade de Nuremberg, avistou o cemiterio em que enterrão Antonia? « Parece-me que la sepultão-se todos os prazeres da vida » diz o phantastico allemão. Igual foi o sentimento que de mim se apoderou. A vista d'aquele sahimento comprimiu-se-me o coração, senti n'alma uma impressão dolorosa, parecia-me tambem que hião sepultar todos os prazeres da vida. Os homens de luto entravão na Igreja, e eu acompanhei-os: deposerrão o feretro, conversarão alguns instantes com um individuo de má apparencia que pareceu-me ser o coveiro, depois retirarão-se todos, e eu fique só. Não sei porque fatalidade meu amigo, interessei-me tanto pelo morto. Ali estive longo tempo sem saber o que devia fazer, e sem animo de sahir.

De repente onvi ruido do lado do altar, era um preto que viéra acender uma lampada. Ao fraco clarão da luz vi que os cadeados do caixão não estavão fechados approximei-me e abri-o. O cadáver que ahi jazia era d'uma moça de quatorze a quinze annos. Oh! se tu a visses com sua palma e capella de jasmins e flores de laranjeira, seus longos cabellos lauros cahindo-lhes em anneis sobre os hombros, com aquellas linhas puras d'uma beleza angelica, havias de sofrer a mesma emoção que eu soffri.

O ligeiro carmim das faces (triste meio de que servem-se os vivos para reanimar as cōres apagadas da não-existencia) contrastava com a palidez da morte que sobresahia-lhe na roupação branca. Tinha os labios entreabertos,

como se ao quebrar-se o fio daquella existencia de quatorze annos, começassem a murmurar uma palavra que surprehendera a morte.

O que então senti, é impossivel descrever-se: foi como que uma vertigem, e quando voltei a mim estava cheio de crenças e religião. Tomei as mãos da donzella, cobri-as de beijos, depois com olhos cravados no rosto della estive alguns minutos absorto em contemplação profunda. « De que sacrificios, meu Deus, não serei capaz para que estes labios acabem a palavra que começarão, para que estes olhos se volvão para mim, para que estas mãos que aperto possão apertar a minha! Senhor, nada vos é impossivel, dai aos incredulos uma prova animada de vossa omnipotencia! » E no meu delirio parecia-me que Deus ouvira minhas preces, uma esperança fugaz roçou-me pela alma, e esvaeceu-se. Os decretos da morte são irrevogaveis. (1) Lembrei-me de minha infancia, tive vontade de rezar, ajoelhei-me junto ao cadáver e murmurei uma oração fervente, partida d'alma, repassada de unção e sentimento, como a de Raphael junto ao leito de Julia desvanecida. Bezei muito tempo, quando acabei a noite ia adiantada. Minhas idéas erão desordenadas e sem nexo: quiz ir para casa, faltava-me a coragem. Parecia-me ingratidão deixal-a assim ás portas do jazigo onde breve baixaria para nunca mais vê-l-a: parecia-me que ella precisava que eu lhe fizesse companhia até o momento em que o tumulo se abrisse para recebel-a; que tinha mesmo alguma cousa a dizer-me antes que a fechasse a camda, ou então que ella ia desesperar, chamar por meu nome, e que havia de doer-lhe o have eu deixado-a só em um corpo de igreja; e este pensamento quebrava o coração. Todavia era preciso sahir. Para illudir-me tomei-lhe a capula, que tenho guardada como uma reliquia santa, beijei-lhe timidamente as faces, e sahi com a alma dilacerada os olhos timidos, promettendo em voz alta, voltar no outro dia antes de alvorecer, como se pudesse ser ouvido.

Quando chegrei em casa, P. dormia, ha muito. Passei a noite em claro. Um trepel de idéas confusas e sombrias rodavão-me pelo cerebro, como se me quizessem quebrar o crâneo. Apenas derão cinco horas sahi para o cemiterio; quando cheguei era tarde, acabavão de enterral-a. « Abri », disse eu com toda a força dos pulmões ao coveiro espantado. Depois reflecti que era loucura, e voltei para casa com o desespero n'alma. Oito dias passei no meu quarto silencioso e taciturno, tomando apenas o alimento necessário á conservação

1) Parece-me que já li isto *ipsis verbis*.

da vida. No fim do oitavo dia vesti-me de luto fechado, e fui visitar o seu tumulo. Repeti esta visita todas as noites; tinha remorsos no dia em que a não fazia.

P., arrecedando-se do meu māo estendo aconselhou-me uma viagem á Petropolis; lá estive dous mezes sem que a lembrança do anjo do cemiterio me deixasse um só instante.

Não pude demorar-me mais tempo. Ao menos na corte eu tinha a triste consolação de ir sentar-me sobre a lousa do seu tumulo.

Quasi sempre sonho com ella. Ora me aparece vestida de branco, com uma grinalda de flores de laranjeira, sorrindo e estendendo-me a mão; porém a medida que eu me approximo, ella vai-se afastando, afastando, depois eu não vejo mais que uma tenue sombra levemente agitada pelas auras da noite, que afinal desaparece. Ora, já somos casados, ella senta-se junto a mim, passava-me o braço sobre o pescoço, e conta-me as maravilhas do céu; depois seus olhos immobilisam-se, fechão-se os labios, as faces perdem a cor, os vestidos transformam-se em branco sudario, e eu acordava de sobresalto. Isto não podia continuar, peza-me a existencia. Sei que vás te encher de horror ao ler minhas ultimas palavras, dirás que minha conversão não foi sincera. Quererás ao depois convencer-me que ainda posso ser feliz. Enganas-te, meu amigo. Toda felicidade na terra parece-me hoje sacrilegio, eu a recuso.

O que é a vida? Um não sei que de vago e fugitivo que se evapora quando menos se espera, uma nuvem dourada deslizando-se pelo espaço e que os ventos arrebatão, uma flor pendida sobre os abysmos, que as brisas batejão e arrojão ao precipicio.

E' chegado o tempo de unir-me á ella. Adeus, no meio dos prazeres que te proporciona uma existencia feliz, conserva sempre uma saudade para meu amigo o coração.

Carlos. »

J. d'Oliveira Catunda.

Rio, 25 de agosto de 1850.

REVISTA DE THEATROS.

(27 DE NOVEMBRO.)

SUMMARIO: GYMNASIO:—Miguel o Torneiro.—THEATRO DE S. PEDRO: Duas palavras sobre o *Erro e Amor*.—OPERA NACIONAL: Abertura.—THEATRO LYRICO: *Travador*.—Um convite.

Já viu o *Miguel Torneiro*, minha leitora? É uma imitação do francês, escripta pelo Sr. José Romano. Não era preciso a expli-cação; alguns gallicismos de vocabulo e de

phrase, indicação á primeira vista que alli não ha originalidade.

Eui vêla na semana passada.

São os actores quo levantão aquella peça, cujo entrecho alias é bonito. O Sr. Furtado disse o seu papel bem, apesar da escacez do quadro; e a Sra. D. Ludovina acompanhou o artista na expressão da phrase e do movimento scenico. Mas sobre o papel de um e de outro se levanta o papel do Sr. Moutinho. É o torneiro, a primeira figura da comedia.

O creador de *Manoel Escota e de Baltasar* está alli com o talento vicioso de uma vocação decidida. No estudo do torneiro, o Sr. Moutinho emprega, corpo fizera em outras creacões, estudo de detalhe, e harmonia de todo. As duas scenas, a da bebedeira, e a da preparação da mala, assim com a ultima da peça, são desempenhadas com talento e nada deixão a desejar.

Já dei a minha opinião em outra parte. O senhor Moutinho é moço de uma tendencia vigorosa para a arte; saibão applicar-lhe o talento.

Assisti a uma segunda representação do *Erro e amor*, no theatro de S. Pedro. Repito o que disse; o drama não justifica o cuidado da decoração. A critica séria não pôde encontrar naquella producção o cumprimento dos preceitos da arte. Nem belleza moral, nem belleza plastica; as scenas seguem-se, mas não se encadeão; não se prepara a acção; no fim de cada dialogo o espectador repele aquella phrase: *Qu'est-ce que ella prouve? à quoi bon cela?*

Sobre o desempenho sou talvez menos severo do que a opinião pública. Se um actor bom faz um drama bom, tambem um drama mau faz ás vezes um actor mau. É a minha opinião. Não posso ouvir com seriedade a celebre falla do marquez no 3.º acto; mas como recitar semelhante pedaço? A intenção do autor escrevendo *roscas pestiferas*, e *baba asquerosa*, não foi outra senão modular a declamação no ponto maximo da clave phonica.

Assim se o desempenho do *Erro e amor* foi inferior, estava na altura do... drama. E a theoria das relacões.

Não autoriso assim mau trabalho scenico, justifico apenas.

Duas linhas de observação.